

Economia Politica

Bancos e suas especies. Quaes os perigos a que se expõem os Bancos que commanditam directamente as industrias. (*)

A philosophia moderna, em sua phase positiva ou explicativa, tem assentado que a sciencia é uma só, o conhecimento das leis que regulam os phenomenos; mas que, a semelhança da nebulosa de Laplace, que se foi destacando pouco a pouco em circulos concentricos, se condensando, se differenciando, para formar os mundos, dando logar ao apparecimento da vida com todo o seu cortejo de complicações actuaes, se tem vindo a especializar nos seus departamentos hodiernos, cada um dos quaes é um verdadeiro mundo. Guyot diz mesmo: a sciencia só existe se especializando, aliás tudo estaria em tudo; seria a confusão. Si, portanto, a sciencia é uma só, que o espirito do homem, por sua vez influenciado pela grande lei da

(*) Esta dissertação foi escripta de improviso no curso de 1907, perante a Faculdade de Direito do Recife,

evolução, vai distendendo e fazendo passar do homogêneo ao heterogêneo, do simples ao composto, para falar a linguagem de Spencer, é claro que as relações entre as diferentes partes da sciencia são muito estreitas, como relações entre phenomenos influenciados por outros, de que são ampliações, porque a evolução nada mais é do que uma expansão.

E, si as relações são intimas entre os departamentos da mesma sciencia, ellas não podem deixar de se apresentar ainda mais intimas dentro de cada departamento da sciencia, de modo que, em toda sciencia especializada, podem-se encontrar os elos que vão prendendo entre si os factos, da mesma maneira que do cosmos se sobe a vida, da vida aos factos do espirito e destes aos da sociedade.

E' o que se observa realmente no estudo da Economia, ou, mais propriamente, da Sciencia Economica, como departamento da Sociologia, destinado a estudar as leis naturaes da formação, distribuição, circulação e consumo das riquezas, para não destoar da definição classica e que pelo menos tem o merito da amplitude e da clareza, porque, seja dito de passagem, si a definição *sciencia dos valores*—tem o merito da concisão, e comprehende de facto a quasi totalidade dos phenomenos economicos, visto ser a producção moderna toda feita para troca, com o fito no valor, razão porque tem sido tal definição adoptada por muitos economistas, em todo o caso, com Beaulieu, penso ser melhor definil-a a "sciencia que tem por objecto o estudo das leis que dirigem o trabalho do homem para a producção e o gozo nos di-

versos bens que a natureza não nos dá espontanea nem gratuitamente.””

E penso assim porque observo que, fóra mesmo da troca, com relação ao homem isolado ou nas suas relações puramente domesticas, as leis da Economia se fazem sentir, comprehendendo por isso campo ainda mais vasto que o dos valores e das trocas.

Isto posto, assentado fica que, falar de bancos faz acudir a memoria o credito, a moeda, a troca, a producção, phenomenos que os precederam; e a actividade de circulação e os consumos, que os seguem.

A vida, dizem os que a tem estudado por todos os modos, á luz das observações e experiencias modernas: é o phenomeno chimico da renovação incessante do ser a custa do ambiente.

Ha aggregados de cellulas, cujas moleculas constituidas de substancias solidas, resistem ás influencias do mundo externo até a uma certa medida ou se desfazem.

Ha aggregados de cellulas que, ao contrario, de substancias liquidas ou gazozas, corpos colloides, que se adaptam ás diversas situações do meio e se transformam, eliminando, mas ao mesmo tempo assimilando, isto é, trocando elementos de fóra pelos de dentro. Essa contingencia de vida dos corpos da ultima especie obriga-os a constantes necessidades, que elles se esforcem por satisfazer, pena de morte. E assim, os seres dotados de vida, na phrase de Bordeau (O Problema da Vida) aspiram viver o mais e o melhor possivel, estender a sua personalidade até onde lhes permittirem as tendencias, as aptidões, os meios e dahi vem o fundo constante e ao mesmo tempo de uma variedade

e de uma indefinibilidade extraordinarias que apresentam as necessidades humanas. O homem é impellido ao trabalho pelo aguilhão incessante de suas necessidades; e, como essas necessidades são illimitadas, satisfeitas umas, surgem outras a que é forçoso igualmente satisfazer, razão pela qual o progresso não para.

Para a producção, o homem cedo começou a dominar a natureza pelo seu esforço muscular ou nervoso; e, quando poudé conseguir o utensilio, isto é, o capital, duplicou, centuplicou, milliplicou o seu resultado. Mas, não era bastante, porque as necessidades se foram multiplicando também e a natureza, embora activa, embora cheia de elementos, nada lhe dava espontanea nem gratuitamente, conforme dizia Bastiat, e, ao contrario, não raras vezes, como para se vingar de seu dominio, lhe inutilizava os esforços e lhe infligia males horrorosos. Foi mister organizar o trabalho; foi mister accelerar as trocas por meio dos transportes; foi mister activar o commercio dentro das mesmas circumscripções de um mesmo paiz e depois entre os paizes do globo, transpondo montanhas, atravessando oceanos, forçando portos, creando estradas de ferro, alargando dia a dia mercados consumidores, preparando terreno para as grandes empresas agricolas, industriaes, commerciaes.

Tudo isto produziu o apparecimento da moeda para facilitar as trocas, moeda que se foi gradualmente aperfeiçoando do simples valorimetro, ao producto convencionado, para chegar ao metal ferro, ao metal prata, ao metal ouro, aproveitando a suas qualidades de valor proprio, custo quasi constante, facilidade de

transporte, divisibilidade, difficuldade de falsificação, até acabar no pedaço de metal precioso cunhado, authenticado, garantido, que, além do valorimetro, passou a ser o resolvente das trocas transformando-as em compras e vendas. Em vista da complicação, porém, sempre em augmento das relações economicas entre os homens, esforçando-se todos para aproveitarem com o minimo de esforço, o maximo possivel de utilidades da natureza e num minimo de tempo, todos com os olhos fitos no valor, essa combinação das necessidades de uns em relação com as utilidades possuidas por outros, a moeda foi ficando escassa para todas as transacções e a observação e a experiencia de uma parte e a confiança na estabilidade das instituições e na honra pessoal, de outra parte, foram suggerindo novos meios de realizar trocas sem a intervenção da moeda.

E' a época das letras de terra e de cambio, com os seus endossos e dos bilhetes convertiveis, cheques, traspasses e compensações. E como é da natureza das cousas, que toda função util produza o órgão apropriado a essa função, vieram os bancos, como mercadores do credito, facilitar ainda mais as trocas, poupando a moeda, o tempo e o trabalho.

Os bancos existem desde tempos muito remotos, sob suas fórmulas mais rudimentaes de permutadores, compradores e vendedores de moedas, nas cidades da Grecia e de Roma. E porque a natureza nunca faz saltos, mas, longe disso, os factos se succedem de desdobramento em desdobramento numa evolução fatal e immutavel, embora lenta e gradual, esses primitivos e rudes trocadores de moedas, função

já necessaria naquella época pela diversidade de instrumentos desse genero eutre os Estados, cada um dos quaes tambem já tinha julgado indispensavel dar-lhe um cunho de certeza para evitar as trapaças nas transacções, embora as vezes partissem dos proprios soberanos as falsificações, esses primitivos e rudes permutadores de moeda, quero dizer, reconhecendo logo que havia vantagem em pedir emprestado dinheiro a uns capitalistas para emprestar a outros, a isso se dedicaram. Mas, essa especie de credito se manteve durante toda a antiguidade em limites muito estreitos, attentos os preconceitos reinantes sobre os emprestimos a juros, contra os quaes os moralistas e depois os religiosos de differentes seitas se pronunciaram, principalmente porque eram crueis as leis sobre os devedores, entregando-os em sua liberdade e vida aos credores na Grecia, em Roma, em toda parte, sob as idéas pregadas desde Aristoteles de que o dinheiro não engendra dinheiro e de que era, portanto, iniquo exigir juros do capital emprestado.

Foi preciso que Calvino, de um lado, provasse que o dinheiro não engendra dinheiro, mas que é com elle que se comprem productos, que fornecem outros productos e que os Jesuitas, por outro lado, provassem que os que se desapossam do seu dinheiro correm o risco de ficar sem elle, além da privação que delle podem soffrer, para que a Igreja affrouxasse o rigor de suas prohibições. E depois que a experiencia demonstrou que o capital representado pelo dinheiro, com faculdade de adquirir, era extraordinariamente productivo, que ia enriquecer o tomador (salvo os abusos) e

que os doadores corriam realmente o risco até de empobrecer, cahiram as barreiras e o credito poudé então generalisar-se e vir prestar todos os serviços que lhe reconhecemos nas sociedades modernas.

Mas, sendo limitado seu uso nas sociedades antigas, os bancos, depois daquella primitiva função de troca de moedas, passaram a ser depositarios dos capitalistas, dos quaes se constituíram verdadeiros guarda livros e caixeiros, escripturando seus creditos e debitos e realizando por sua conta e á sua ordem pagamentos. Pouco a pouco foram os bancos se convencendo de que, diante da procura de capitaes para fazer mover industrias, era possivel utilizar aquelles depositos que apresentavam um assignalado character de fixidez, sendo retirados em tempos muitos longos e cada um por sua vez.

Foi facil e lucrativa a tarefa. Offereceram aos depositantes um juro razoavel para, não só chamar novos capitaes a seus cofres, como para fixar ainda por maiores periodos os depositos e passaram a emprestar esses capitaes aos que delles careciam para a movimentação das suas industrias.

A experiencia deu bons resultados e os bancos de credito se espalharam pelo mundo inteiro prestando serviços inestimaveis não só ao commercio propriamente, sob garantia pessoal, de firmas garantidoras ou de cauções de documentos, como ás industrias e á lavoura, sob garantias mais reaes de penhor e hypothe-ca.

De modo que hoje em dia ha duas categorias bem separaveis de bancos: os de cre-

dito commercial e os que facilitam sómente as transacções industriaes e agricolas, transportando e pagando.

Os bancos de credito commercial propriamente dito empregam seu capital e depositos que lhe são confiados a descontos do papel de commercio, na mesma praça ou de praça a praça, no mesmo paiz, ou de praça a praça de um paiz para outro. O commerciante que aceitou titulo do seu devedor, mas que, não pôde esperar o vencimento desse titulo, endossa-o ao banco, que lhe dá moeda, com desconto de porcentagem, do mesmo modo que o commerciante, que precisa obter titulos para pagar em outra praça do mesmo paiz ou do estrangeiro, para o qual é arriscado e caro o transporte de moeda, toma-os ao banco, mediante uma porcentagem. Assim, os bancos, utilizando os capitães que estavam inactivos, tiram os commerciantes das difficuldades de momento permitindo que a producção e a circulação não se interrompam e colhem com isso excellentes lucros.

Para maior facilidade ainda de suas transacções, isto é, para augmentar o seu poder de credito, que por sua vez vae augmentar o poder productivo dos capitães, os bancos recorrem tambem a emissão de bilhetes-convertiveis, a vista, em moeda, dando-os, como se fosse o metal, para remediar as difficuldades dos tomadores de emprestimo, os quaes nessa conformidade os aceitam, no presupposto de merecerem os mesmos bancos confiança. Pelos abusos a que foram levados certos bancos de emissão, não podendo acudir de prompto a troca de suas notas, apezar do lastro metallico que

nem sempre era sufficiente, sendo que outras vezes eram mesmo illudidos, os Governos tem entendido regularisar esse serviço, ora negando, ora concedendo essa faculdade com restricções.

Entre nós, por ex. actualmente não tem os bancos faculdade de emissão.

Mas, os bancos não se limitam aos descontos falados. Dirigem-se tambem ás empresas industriaes e agricolas, ás quaes emprestam dinheiro a longos prazos, sob garantias de penhor e hypotheca e para os quaes procuram, como os de credito real, capitaes no mercado, emittindo obrigações, que, gosando das mesmas garantias do penhor e de hypotheca, correm com muita acceitação nas bolsas.

Os bancos que operam com capitaes dos seus clientes, capitaes que lhe foram depositados em confiança e por tempo indeterminado, podendo, portanto, ser procurados e retirados de um momento para outro, não devem empregar-se em emprestimos de longo prazo ou em desconto de papeis de vencimento muito prolongado, como fazem os capitalistas, que applicam seu proprio dinheiro, ou os bancos de credito real e agricola. Do contrario se arriscam a não poder satisfazer o pedido dos depositos; e no caso de uma corrida, por effeito de uma guerra, uma revolução, qualquer calamidade publica estão sujeitos á fallencia.

Pois bem, os bancos que commanditam as industrias estão obrigados a cingir-se egualmente ás mesmas prescripções. Quer emprestem capitaes seus, quer emprestem capitaes dos seus clientes, o que é o mais commum, porque simplesmente os seus não bastariam, mormente

em praças de grande movimento, estão expostos a grande perigos.

Antes de tudo, elles, sendo commanditarios de empresas industriaes, precisam empatar por muitos annos capitaes, que com certeza, lhes fazem falta para as transacções que lhes são peculiares e depois, ficam na mesma contingencia dos que emprestam mesmo a particulares, por longos prazos, isto é, ficam impossibilitados de acudir á restituição dos depositos.

E, por fim, correm o risco da sorte dessas empresas a que se ligam, sendo muitas vezes arrastados com ellas á fallencia, quando, no caso dos seus simples emprestimos commerciaes, elles se acham garantidos, pelas cauções, pelos stock dos commerciantes, pelos endossos, pelas garantias de duas e tres firmas e, ainda pela circumstancia valiosissima de que esses emprestimos são feitos a curto prazo, dous, trez seis mezes e assim a coberto de todas as vicissitudes.

Sinto que a hora esteja exgotada e não me permita um maior desenvolvimento do assumpto, assim como não me consentiu um melhor plano na exposição.

HERSILIO DE SOUZA.

